

## Fundamentos dos cuidados paliativos

Este artigo, o primeiro de uma série, tem como finalidade esclarecer alguns dos fundamentos dos cuidados paliativos. Tenho observado que mesmo pessoas envolvidas nos cuidados paliativos, por vezes há muitos anos, desconhecem conceitos básicos ou a origem de certos conceitos. Isto não implica que não possam exercer a sua acção correctamente. Pode-se exercer cuidados paliativos, cada um com as suas especificidades, sem saber quem foi Cicely Saunders ou a sua importância ou nunca ter ouvido a expressão “tender loving care”, mas essas questões são muito importantes porque são estruturantes, são indispensáveis à formação dos profissionais de saúde envolvidos nos cuidados paliativos. Sem esse conhecimento há coisas que nunca compreenderemos. Por isso, vou escrever alguns artigos sobre esse assunto.

### Tender loving care

Sempre houve quem ajudasse as pessoas muito doentes e próximas da morte. Na Idade Média, segundo Philippe Ariès, quando uma pessoa estava próxima da morte toda a comunidade se unia e procurava confortar o doente e os seus familiares. E, certamente, também antes, provavelmente desde sempre, pelo menos os mais próximos procurariam ajudar quem, estando próximo da morte, sofria.

Os hospícios da Idade Média não tinham como objectivo os cuidados aos moribundos. O primeiro uso que se conhece do termo hospício aplicado a estes cuidados, foi o de Jeanne-Françoise Chabod - Madame Garnier – que fundou em Lyon a obra do *Calvaire* em 1842, com umas amigas que ficaram conhecidas como *Dames du Calvaire*. Em breve outros se seguiriam como: Aurélie Jousset que fundou, em 1874, *Le Calvaire* de Paris; Madre Mary Aikenhead das *Sisters of Charity* irlandesas que abriu o *Our Lady's Hospice* em Dublin, em 1879; em 1900, cinco das *Sisters of Charity* irlandesas fundaram o convento de S. José no *East End* de Londres

e começaram a prestar assistência aos doentes em casa destes (assistência domiciliária); e em 1902 abriram o *St. Joseph's Hospice* com 30 camas. Estes são alguns exemplos de organizações dedicadas à assistência aos doentes na fase terminal da sua doença. Depois a fase mais conhecida, a da fundação do *St. Christopher's Hospice* por Cicely Saunders em 1967.

Mas então o que veio trazer de novo a fundação do *St. Christopher's Hospice* se já havia há muito outras instituições com o mesmo fim? O que é que mudou? Bem, o que mudou foi a ideia de que só se poderia responder eficazmente às necessidades dos doentes em fim de vida, sobretudo ao sofrimento físico, se houvesse o contributo da medicina, dos cuidados médicos para o controlo dos sintomas que frequentemente acompanham esta fase da vida, como a dor, a dispneia, etc. Mas, a contribuição médica aplicada a estes doentes não poderia ser feita nos mesmos moldes em que habitualmente se fazia. Não deveria ter como objectivo tentar salvar a vida dos doentes ou tentar prolongar-lhes a vida. Deveria aceitar-se que a morte é uma ocorrência natural e que, em certas circunstâncias, a intervenção médica deveria ter como objectivo ajudar os doentes a viver o melhor possível, o mais activamente possível a fase final das suas vidas, não os abandonando porque “não há nada a fazer”, nem os tratando obstinadamente como se a sua situação fosse reversível.

Antes do *St. Christopher's Hospice* o que se fazia, e que era muito importante, era acompanhamento, suporte emocional, cuidados de enfermagem e assistência espiritual. A isto se chamou *tender loving care*. A esta importante abordagem de um grave problema, Cicely Saunders acrescentou os cuidados médicos, como descrevi atrás, e assim nasceram os cuidados paliativos, embora ainda não com este nome.